

Vísceras expostas de uma Amazônia urbana: a literatura contemporânea de Edyr Augusto Proença e Marçal Aquino

Helano Barreto dos SANTOS¹

Orientador: Sérgio Wellington Freire CHAVES²

Coorientadora: Tiane de Jesus Silva SOUSA³

Resumo: A ficcionalização da Amazônia é, historicamente, tributária do imaginário aquoso e vegetal instituído pelas narrativas de viajantes e exploradores, amplamente difundido na literatura sobre a região. Nesse sentido, este artigo, fazendo uso da perspectiva comparada, intenta pôr em diálogo as obras *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios* (2005) – Marçal Aquino –, e *Selva Concreta* (2012) – Edyr Augusto Proença –, por meio da construção da Amazônia enquanto tema literário, afim de compreender qual perspectiva sobre a região amazônica tem sido abordada na literatura contemporânea. Para tanto, recorreu-se a estudiosos como Carvalhal (2006), Schøllhammer (2009), Hardman (2007), Godim (1994), Borges (2006), entre outros. Contribui-se, dessa forma, com as investigações que visam discutir a Amazônia em uma perspectiva atual, observando a manutenção ou o distanciamento da habitual representação exótica ou fantasiosa. Em oposição à literatura canônica sobre a região, constatou-se que os autores constroem uma Amazônia urbana complexa e conflituosa, que a aproxima de qualquer centro urbano da contemporaneidade, marcados, entre outros, pela desigualdade social, violência e corrupção. Há, portanto, a abertura a novas possibilidades de se pensar e de ficcionalizar este espaço, considerando especialmente a complexidade social e cultural da região.

Palavras-chave: Amazônia; Literatura contemporânea; Perspectiva comparada.

Introdução

O presente estudo, no uso metodológico da Literatura Comparada, objetiva relacionar as obras *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios* (2005), de Marçal Aquino⁴, e *Selva Concreta* (2012), do paraense Edyr Augusto Proença⁵, a partir da construção da Amazônia enquanto espaço literário, afim de compreender qual perspectiva sobre a região amazônica tem sido abordada na literatura contemporânea.

¹ Graduando em Letras, habilitação em Língua portuguesa, pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – E-mail: helanobarreto@gmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e professor efetivo da Universidade Federal do Pará (UFPA) – e-mail: serigiofreire@ufpa.br.

³ Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – E-mail: tianesousa02@gmail.com.

⁴ Escritor, jornalista, e roteirista de cinema e televisão. Nascido em Amparo, interior do estado de São Paulo, é considerado um dos nomes de destaque na literatura brasileira contemporânea. Algumas de suas obras, além de *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios* (2005), são *Amor e outros objetos pontiagudos* (1999), *Faroestes* (2001), *Famílias terrivelmente felizes* (2003). Sua temática aborda a vida nas grandes cidades por meio de uma linguagem enxuta e objetiva, com foco especial na violência urbana.

⁵ Escritor, diretor de teatro e jornalista paraense. Nascido em Belém, capital do estado do Pará, fez de sua cidade natal o principal tema de sua obra, narrada por uma linguagem coloquial e em ritmo acelerado. Algumas de suas obras são *Os éguas* (1998), *Moscow* (2001) e *Casa de caba* (2004). Possui mais de 19 títulos publicados, contando com traduções para o francês e o inglês.

Esse interesse surge da necessidade de se intensificar as investigações que visem discutir a Amazônia na literatura a partir de uma perspectiva atual, um tema que demonstra as rupturas ou continuidades da tradicional representação exótica e fantasiosa, muito empregado pelas narrativas de viajantes e exploradores, reproduzida e atualizada em diferentes formas e estilos ao longo do tempo.

Confronta-se, propositalmente, um autor local e um autor externo à região. A escolha se deve ao interesse de verificar aproximações ou discrepâncias no modo como a Amazônia é pensada pelos autores, considerando a tendência de escritores de outras regiões a abordarem uma perspectiva estereotipada e equivocada sobre este espaço.

De antemão, ressalta-se o caráter urbano das narrativas analisadas, aspecto que foge à tradicional redução da Amazônia a um ambiente aquoso e vegetal. Ao abordarem questões típicas de qualquer centro urbano, Marçal Aquino e Edyr Augusto se distanciam da visão exótica, de um universo distante e isolado do restante do país, demonstrando que as cidades amazônicas não são muito diferentes de quaisquer outras do Brasil e do mundo. Em artigo publicado na revista *Latitude*, o autor paraense afirma: “os críticos de lá dizem que eu quebrei o cristal de uma Amazônia idílica. Levo até eles dramas que podem acontecer em qualquer cidade grande francesa” (Proença, 2023, n.p).

É, portanto, a partir da exploração dos dramas urbanos cotidianos, característicos da contemporaneidade – desigualdade social, criminalidades, corrupção, violência –, que os autores apresentam outra face da Amazônia, ainda pouco visível. Tal perspectiva é entendida como fruto de uma tendência da literatura contemporânea, a reinvenção do realismo, expresso no desejo dos escritores de se aproximarem e retratarem a atual realidade do país, em solidariedade com as problemáticas de seu tempo (Schøllhammer, 2009).

Comparatismo literário

A Literatura Comparada é uma forma de investigação literária de caráter transversal que explora, por meio do confronto entre textos, as múltiplas relações que a literatura estabelece, seja com a própria literatura – no âmbito interno ou externo de uma região ou nacionalidade –, seja com outras áreas de conhecimento ou, ainda, com outras artes. Trata-se de um complexo campo de conhecimento que, adotando diferentes objetos de estudo e diferentes procedimentos metodológicos, não aceita definições fáceis ou acabadas.

Em seus primórdios, ao final do século XIX e início do XX, tinha como principal preocupação o estudo de fontes e influências entre as literaturas de diferentes nacionalidades, desenvolvido a partir da identificação de contatos entre autores e obras ou autores e países,

cujos fins eram o estabelecimento de filiações e a indicação de imitações e empréstimos, bem como se interessava pelos destinos das obras para além de seus países de origem, sua fortuna crítica (Carvalho, 2006; Coutinho, 2014).

No decorrer da evolução da disciplina, com o questionamento do caráter excessivamente descritivista e extrínseco ao texto literário dessa primeira vertente dos estudos comparados, surgem novas possibilidades de investigação que promovem um progressivo alargamento do campo, resultando, na atualidade, em uma grande diversidade de estudos que se abrigam sob a definição de “literatura comparada”, os quais perpassam o tradicional estudo de fontes e influências; a análise da migração de temas, motivos e mitos entre as diferentes literaturas; o confronto de literaturas pertencentes a um mesmo sistema literário; o processo de estruturação dos textos (Carvalho, 2006).

Na contemporaneidade, os estudos comparados têm privilegiado o texto literário em suas relações intertextuais e interdisciplinares, estando muito próximo das ciências humanas, com as quais compartilha não só conceitos e categorias, como também objetos. Nesse sentido, Eduardo Coutinho (2014, p. 32) afirma que

a disciplina, além de absorver elementos de outras e de prestar subsídios a suas elaborações, tem se erigido como espaço de reflexão sobre a produção, a circulação e a negociação de objetos e valores, contribuindo assim de maneira decisiva para a esfera mais ampla dos estudos de humanidade.

É nesse ponto que a perspectiva comparada se torna valiosa para a análise aqui proposta, pois ao se buscar compreender a construção temática da Amazônia na literatura, se contribui também para a reflexão mais ampla a respeito das percepções, internas ou externas, sobre a região.

Nesse sentido, para se compreender a configuração temática dos textos analisados, recorre-se aos pressupostos da Tematologia, vertente dos estudos comparados preocupada com a transmissão e evolução dos temas ao longo do tempo e entre diferentes tradições literárias, buscando identificar padrões e variações a fim de melhor compreender as interconexões e influências entre obras literárias de origens diversas.

O tema desempenha papel fundamental na organização e na estrutura do texto literário, sendo o elemento a partir do qual este se constrói (Machado; Pageaux, 2001). Ele pode ser melhor entendido a partir da sua relação com o motivo, elemento, a princípio, não literário, pois possui caráter mais geral, como o amor proibido, a luta entre o bem e mal, o adultério, etc. Pires (2007) exemplifica utilizando o motivo da rivalidade entre irmãos, que inicialmente não é um elemento literário em si, mas uma situação ou atitude fundamental que pode ser encontrada na vida cotidiana. No entanto, ao ser concretizado em histórias como a de Caim e Abel, ele se

torna um tema, assumindo uma forma particular e cristalizada na obra. Portanto, o motivo, ao ser expresso em uma obra literária, torna-se matéria da literatura, enquanto o tema é a manifestação específica desse motivo, tornando-se objeto literário em si mesmo.

Quanto ao procedimento analítico da Tematologia, Machado e Pageaux (2001) esclarecem que a abordagem temática exige do investigador uma especial atenção ao texto, em virtude da função estruturante do tema, o que não significa deixar de lado o contexto. Assim, tem-se dois níveis de investigação: o textual, em que o texto é considerado enquanto sistema, e o cultural, que são exploradas as circunstâncias de produção desse texto.

Na perspectiva dos autores, o tema é a base, o fio condutor da investigação comparatista, sendo a matéria histórica, a cultural e a abordagem poética a ferramenta de explicação sobre a relação entre tema e estrutura formal. Tem-se, deste modo, a alternância entre a análise estrutural do texto e a análise intertextual e cultural, uma vez que “o texto literário é o lugar dialéctico onde se articulam estruturas textuais e extratextuais, participando o tema, justamente, das duas séries” (Machado; Pageaux, 2001, p. 94), ou seja, o tema é o elemento mediador que permite compreender as múltiplas relações entre o fenômeno literário e o imaginário coletivo ou individual de um dado tempo e lugar.

Assim sendo, a depender do contexto cultural e do período histórico considerado, o tema pode revestir-se de novos significados, resultando em diferentes compreensões e leituras que possibilitam não apenas rastrear as mudanças e progressões de um tema específico, como também compreender a transformação ou desenvolvimento da cultura na qual esse tema está inserido.

A ficcionalização da Amazônia

A representação literária da Amazônia, tradicionalmente, oscila entre a visão idílica, de fascínio e exaltação da natureza, e a visão infernal, de uma natureza bárbara e indomável. A esse respeito, Francisco Hardman (2007), em *A Amazônia como voragem da história: impasses de uma representação literária*, analisa algumas produções representativas desse paradigma, no qual a Amazônia é “tomada como um dos últimos e grandiosos refúgios do exotismo aquático-vegetal e do mistério de culturas humanas pré-históricas de vestígios não monumentais no Brasil e no mundo”, demonstrando a quase imutabilidade dessa perspectiva ao longo tempo.

Valendo-se de fontes mais antigas, o autor cita a literatura de cronistas e viajantes que desde o século XVI tem contribuído para a constituição de um imaginário sobre a região,

fornecendo um rico acervo de elementos apropriados e reproduzidos por escritores posteriormente.

Conforme Neide Gondim (1994), a “invenção” da Amazônia se deu a partir da construção da Índia, por sua vez, fabricada pela historiografia greco-romana, pelos relatos dos peregrinos, missionários e comerciantes que se maravilhavam ou horrorizavam com uma realidade tão distinta da sua. Segundo a autora, tal concepção acompanhou e influenciou a visão dos europeus que primeiro chegaram ao Novo Mundo, desejosos de encontrar o Paraíso, um lugar no qual seus problemas e receios não existissem.

Pressionados por adversidades comuns à época, os homens sonham em encontrar o Paraíso e a fonte da juventude. A tradição religiosa dizia que um grande rio nascia naquele local aprazível, cujas águas encobriam riquezas, e não muito longe uma fonte convidava para a total supressão dos males sociais, onde a fome, as doenças e as pestes continuamente dizimavam respeitáveis contingentes humanos. Esse local foi encontrado pelos expedicionários de Orellana e se localizava na região amazônica. Sucessivamente visitada, principalmente depois de liberada a navegabilidade do rio das Amazonas pelo governo português, para a aquela região composta de enorme rios e floresta compactas, dirigem-se as atenções e erigem-se verdades; confrontam-se teorias e refutam-se ou confirmam-se hipóteses (Gondim, 1994, p. 9-10).

Nesse sentido, Nataly Jollant (2021), em *Amazônia: mito, história e ficção literária*, observa que, somada a essa visão trazida pelos viajantes e exploradores, tem-se a cosmogonia e a mitologia indígenas, formando um conjunto de representações que alimentou diversas ideias equivocadas sobre a região. Para elucidar essa intercessão, ela toma como exemplo o mito das Amazonas – cuja origem é incerta, já se fazendo presente no imaginário europeu desde a antiguidade clássica –, que encontra correspondência na crença da existência de mulheres guerreiras no imaginário de povos indígenas amazônicos. De forma similar, o mito de Eldorado também encontra fecundidade por estas terras, propagado pelo interesse econômico no mercado de especiarias, ouro e prata, reforçando representações da Amazônia como um lugar de riquezas ilimitadas, uma “terra prometida”. Tal arquétipo será constantemente atualizado ao longo do tempo, a exemplo do ciclo da borracha, iniciado ao final do século XIX.

Todas essas representações servirão de rico material para a produção literária sobre a região, surgidas principalmente ao final do século XIX e início do XX. Hardman (2007) observa que nesse período manifestam-se autores como os paraenses Inglês de Sousa e José Veríssimo, cujos textos se constroem em torno de aspectos da vida amazônica. O primeiro escreveu obras como *O cacaulista*; *História de pescador*; *O coronel sangrado* e *O missionário* – publicados entre 1876-1891 –, além de *Contos amazônicos* (1893) que apresenta cenas da memória popular da região de Óbidos, cidade do autor, destacando-se o episódio da Cabanagem no qual se entrelaçam tapuios, caboclos e cabanos em resistência ao poder local. Quanto ao segundo,

citam-se obras como *Cenas da vida amazônica* (1886) e *A pesca na Amazônia* (1895), sendo esta última uma espécie de manifesto ecologista.

No decorrer do século XX, surgem inúmeras outras produções que incluem nomes como Euclides da Cunha, Ferreira de Castro, Márcio Souza, Alberto Rangel, Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum. Hardman (2007) ressalta o caráter realista-naturalista dessas produções, observando ser esta a chave estética da representação literária da Amazônia no Brasil.

Em uma perspectiva da literatura fantástica e da ficção científica, o autor menciona *A jangada: 800 lieues sur l'Amazone* (1881), de Jules Verne, e *The lost world* (1912), de A. Conan Doyle, às quais ele se refere como “compósito de mitos populares, fantásticos e científico-ficcionais sobre a Amazônia” (Hardman, 2007, p. 145), surgidos naquela virada de século. A essa “linhagem fantasista, folclorista, com laivos de crônica ficcionalizada e de lirismo fantástico” (Hardman, 2007, p. 145), acrescentam-se ainda os modernistas Mário de Andrade, com *Macunaíma* (1928), e Raul Bopp, com *Cobra Norato* (1931).

Na representação romanesca de caráter realista, Dalcídio Jurandir (1909-1979) é o nome de maior expressividade, tendo dedicado dez de seus onze livros à Amazônia, constituindo o chamado Ciclo do Extremo Norte, com referências à Ilha do Marajó – terra do autor –, ao interior do estado do Pará e a Belém. A respeito de sua narrativa, Hardman (2007, p. 147) comenta

Em Dalcídio, a lentidão dos ritmos equatoriais adquire textura, sem concessões ao pitoresco. Por outro lado, o peso de uma natureza aquática, presente em especial na hidrografia e na pluviometria, fazem-se sentir nas palavras e nas horas. Seus personagens possuem papéis sociais bem definidos. Mas seus romances não se “nacionalizaram” como os de escritores nordestinos, isto é, permaneceram à margem, no rodapé da história literária brasileira, como caso exemplar de um regionalismo de boa qualidade.

Em gerações posteriores, os amazonenses Márcio Souza (1946) e Milton Hatoum (1952) ganham destaque na prosa contemporânea brasileira, com representações da vida amazônica em diferentes registros e estilos. O primeiro inicia seu projeto literário com a novela *Galvez o imperador do Acre* (1976), de tom satírico e folhetinesco, e alcança o máximo de seu teor transgressivo em um romance com *O fim do terceiro mundo* (1990), no qual “descontrói”, por meio da paródia, paradigmas como o da literatura dos viajantes, o mistério fantástico de Conan Doyle (*The lost world*), além das incursões de *Macunaíma* – Mario de Andrade. No entanto, tal caráter crítico-ficcional aparenta ter sido abandonado em sua produção mais recente, a tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, dedicada à história da região amazônica entre os anos de 1780-1840, período marcado pelas lutas coloniais, políticas e sociais em torno da possibilidade de um desenvolvimento autônomo em relação ao recém-criado Estado do Brasil.

Neste projeto, não se observa a visão regionalista edificante, mas o contrário, sugerido pelos próprios títulos que compõem a série: *Lealdade, Desordem, Revolta e Derrota*.

Milton Hatoum, por sua vez, estreia com o romance *Relato de um certo Oriente* (1989), no qual explora a memória familiar de imigrantes árabes na Amazônia. Apesar do caráter memorialístico ser marcante em sua obra, observa-se em produções seguintes, *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005), certo esforço em pôr a narrativa na direção da prosa realista, em uma espécie de fuga ao regionalismo. No entanto, contraditoriamente, sua recepção no âmbito nacional e internacional ainda é fomentada por aspectos remanescentes do tradicional exotismo amazônico.

Em conclusão, Hardman (2007) afirma que ambos os autores recusam qualquer tipo de ufanismo ingênuo ou interessado, adotando, em verdade, uma postura avessa a essa ideia, expressa na melancolia advinda das derrotas históricas da região amazônica, em Márcio Souza, e nas “cinzas” de toda uma geração em Milton Hatoum.

Apesar da persistência histórica do paradigma da Amazônia enquanto recanto à parte do Brasil e do mundo, percebe-se na literatura atual a abertura a novas possibilidades de se pensar, para além da riqueza da natureza, a complexidade social e cultural da região.

Aspectos da literatura contemporânea brasileira

A discussão em torno do que é a literatura contemporânea inicia-se pelo debate sobre o que seria a própria contemporaneidade ou o contemporâneo. Karl Schøllhammer (2009), em *Ficção brasileira contemporânea*, para pensar a relação entre ficção e esse momento histórico, cita o filósofo italiano Giorgio Agaben, a partir do qual se pode compreender o contemporâneo como “aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, consegue captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente cria um ângulo do qual é possível expressá-lo” (Schøllhammer, 2009, p. 9-10). Nessa perspectiva, portanto, a literatura contemporânea não buscaria, necessariamente, a representação da atualidade, a não ser pela inadequação, que faz perceber zonas marginais e obscuras do presente, levando o indivíduo a ser capaz de se orientar “no escuro”, reconhecendo e se comprometendo com um presente com o qual não é possível coincidir.

Daí, no entanto, surge um paradoxo, pois o escritor contemporâneo apresenta uma urgência em se relacionar com o tempo histórico presente, ainda que tenha consciência dessa impossibilidade. Schøllhammer (2009) entende que essa urgência advém da dificuldade dos escritores ao lidarem com o próximo e atual, em virtude do receio de se tornarem anacrônicos em relação ao presente, cuja realidade não poder ser capturada diretamente. Em síntese, o

escritor contemporâneo ambiciona alcançar a realidade de seu próprio tempo, marcado pela fugacidade, celeridade das mutações, pela simultaneidade dos acontecimentos e pela complexidade sociocultural.

Dentre as características mais notáveis dessa geração estão as formas ultracurtas, como o miniconto, e as estruturas complexas e fragmentadas, bem como o hibridismo entre a escrita literária e a não literária – seja a jornalística e pública, seja a pessoal e íntima –, alinhadas com uma abordagem que explora os principais problemas do país, como o crime, a violência, a corrupção e a miséria. Tal configuração seria resultante do traço da *presentificação* (Resende, 2007 apud Schøllhammer, 2009) na literatura atual, atestada pelo imediatismo do seu próprio processo criativo e no desejo de unidade e intervenção sobre um presente conturbado.

Para alguns escritores, essa demanda de presença implica na reinvenção de um realismo que busca ter impacto sobre determinada realidade social, estabelecendo uma relação de responsabilidade e solidariedade com as problemáticas sociais e culturais de seu tempo. Para outros, significa a proximidade da literatura com o cotidiano, a biografia e o banal, a vida ordinária em seus mínimos detalhes.

No entanto, ainda que alguns críticos queiram tratar a literatura contemporânea em termos de um contraste severo entre uma vertente marcada pela brutalidade do realismo marginal e outra voltada aos universos íntimos e sensíveis, Schøllhammer (2009, p. 15) defende que a “literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico”.

Nesse contexto, o autor advoga que a literatura brasileira atual se caracteriza por um tipo de realismo, que não aquele tradicional do século XIX – pautado em técnicas de verossimilhança descritiva e objetividade narrativa –, mas em um desejo dos escritores de retratarem a atual realidade nacional, utilizando principalmente da perspectiva marginal ou periférica. Com isso, não se pretende a busca ingênua por uma ilusão de realidade, mas

relacionar a literatura e a arte com a realidade social e cultural da qual emerge, incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora. Estamos falando de um tipo de realismo que conjuga as ambições de ser “referencial”, sem necessariamente ser representativo, e ser, simultaneamente, “engajado”, sem necessariamente subscrever nenhum programa político ou pretender transmitir de forma coercitiva conteúdos ideológicos prévios (Schøllhammer, 2009, p. 54)

Nesse esforço de se conectar com a realidade presente, a tematização da violência tem sido uma constante na literatura contemporânea. Tânia Pellegrini (2011), em *No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje*, observa que a violência é a base da constituição da

cultura brasileira, responsável pela própria organização social, marcada pela experiência colonial. Desse modo, a história do país é matizada por uma multiplicidade de violências – a conquista, a ocupação, a colonização, o aniquilamento dos indígenas, a escravidão, as lutas pela independência, a formação das cidades e dos latifúndios, os processos de industrialização, o imperialismo, as ditaduras –, as quais são tematizadas pela literatura, que se adapta à medida que as estruturas socioeconômicas e demográficas do país se modificam.

Na literatura regionalista, desde suas origens, a violência figura como representativa de uma realidade social na qual vigora o sistema da honra e da vingança individuais, consequência do distanciamento da lei, incapaz de garantir a igualdade entre os indivíduos. Daí decorrem, por exemplo, os temas do cangaço, da jagunçagem, e dos heróis justiceiros do sertão, presentes principalmente na produção da *Geração de 30*.

Com o desenvolvimento da literatura urbana, a representação da violência ganha tratamento diferenciado. A cidade, em oposição ao campo, é vista como o espaço da lei e da ordem, “a cidade surge como o ‘polo modernizador’, centro dos valores, hábitos e costumes da civilização europeia, além de procurar ser reduto da legalidade, portanto um espaço com características diversas da realidade do sertão” (Pellegrini, 2011, p. 17-18). No entanto, como já demonstravam José de Alencar e Machado de Assis, tais aspectos vigoravam apenas no plano das aparências.

Faz-se importante ressaltar que o processo de evolução da literatura urbana é, necessariamente, marcado por espaços de exclusão. No século XIX, já observavam as referências aos “cortiços” e às “casas de pensão” – como em Aluísio Azevedo –, as quais abrigavam todo tipo de marginalizados: escravizados libertos, brancos pobres, imigrantes, prostitutas, homossexuais. Habitantes do submundo dos centros urbanos.

A partir dos anos 1960, a violência assume em definitivo o protagonismo da ficção brasileira urbana. A crescente industrialização naquele período foi responsável por inchar as cidades, resultando em uma série de problemas sociais, aos quais a literatura estava atenta. Assim, “está formado o novo cenário para a revitalização do realismo e do naturalismo” (Pellegrini, 2011, p. 19), não mais dividido entre “campo” e cidade, mas focado no espaço urbano, distribuído entre “centro” e “periferia”, “favela” e “asfalto”, “cidade” e “subúrbio”. Essa nova vertente do realismo pode ser percebida principalmente pela abordagem da violência relacionada a bandidos, delinquentes, policiais corruptos, mendigos e prostitutas, personagens típicos de qualquer centro urbano (Pellegrini, 2011).

Alguns nomes representativos dessa literatura são Luiz Ruffato, Nelson de Oliveira, Bruno Zeni, Marçal Aquino, Marcelino Freire, Joca Reiners Terron, Amílcar Bettega Barbosa,

Ronaldo Bressane e Cláudio Galperin, cujas escritas conjugam a abordagem de temas da realidade brasileira ao esforço de inovação, constituindo um realismo que privilegia o efeito estético da leitura em detrimento da verossimilhança da descrição representativa (Schøllhammer, 2009).

Vísceras expostas de uma Amazônia urbana

O diálogo entre *Selva concreta* e *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios* começa pelo *lócus* no qual se desenvolvem as narrativas, o espaço urbano. Escolha que demonstra, de início, o afastamento da literatura canônica sobre a região amazônica. A paisagem descrita não é a da floresta, com verde e água em abundância, mas a da cidade cinzenta e empoeirada, em “vísceras expostas”, com seus vícios, violências e corrupção.

Edyr Augusto Proença elege como cenário de sua narrativa a metrópole paraense, Belém, sua terra natal. O personagem principal é o delegado de polícia Gilberto Carvalho, ou simplesmente “Gil”, e a trama gira em torno dos personagens envolvidos nas investigações sob sua responsabilidade. A obra traz típicos traços do romance policial, construída por meio da tensão e do suspense em torno de uma série de crimes que se entrelaçam e terminam por revelar uma cidade paralela a Belém turística, do Círio de Nazaré, do Ver-o-Peso e das mangueiras. Nesse sentido, o próprio autor comenta: “Não sou um escritor regionalista. Não falo de nossas comidas, frutas, árvores, tão encantadoras (Proença, 2023, n.p).

Como alguém que cresceu no centro da capital paraense, Edyr Augusto imprime em sua escrita a própria experiência enquanto observador desse mundo que o cerca. Quando criança, do prédio em que morava possuía vista privilegiada para uma zona de prostituição, existente desde o início do século XX, e que lhe chamava a atenção pelas brigas e confusões frequentes que ali ocorriam. Mais tarde, já adulto, passa a conviver e a reconhecer as prostitutas da vizinhança, com as quais fez amizade e parcerias de trabalho no teatro.

Como escritor, sou um observador das pessoas. Gravo rostos, corpos que se movem, melodia de vozes e vocabulário.

Quando escrevi meu primeiro romance, decidi duas coisas que passaram a ser uma marca pessoal. Primeiro, Belém seria meu cenário. Segundo, iria escrever sobre as pessoas, utilizando todo aquele vocabulário de rua que já tinha, juntamente com o que eu já tinha de uma vida inteira. Percebi que meu estilo seria o de um paraense, falando de minha cidade (Proença, 2023, n.p).

É assim que sua escrita é permeada por personagens ordinários, facilmente reconhecíveis na vida cotidiana. A descrição da cidade constrói imagens bastante vívidas de Belém, permitindo, mesmo a quem nunca esteve na capital paraense, a familiarização com o espaço, usando de frequentes e fiéis referências a ruas, bairros, lojas populares, casas de

eventos, etc.: “A madrugada de sábado no Umarizal é supermovimentada. Bares, restaurantes, clubes noturnos, todos lotados. As ruas engarrafadas. Gente andando a esmo” (Aquino, 2012, p. 13); “Pegou um táxi e desceu na Jerônimo Pimentel, perto do Roxy Bar” (Aquino, 2012, p.12); “Agora vamos até a casa de dona Evelina, tia de Mariella, na Campina, centro da cidade. Riachuelo, quase com a Padre Eutíquio. Perto do casarão da Manoel Barata” (Aquino, 2012, p. 10).

Na narrativa de Proença, a cidade parece ser a verdadeira protagonista, apresentada por meio de uma linguagem coloquial, das ruas, do dia-a-dia, em ritmo acelerado, o que sugere o próprio andamento da vida em grandes metrópoles, dos acontecimentos simultâneos.

Tal linguagem dita o desenvolvimento do enredo, fragmentado e conturbado. A cada página, o leitor é exposto a um episódio de violência. De início, tem-se o reencontro do delegado Gil com Mariella, jovem que se vê refém de um poderoso e perigoso criminoso, a quem foi vendida pela própria mãe. Na sequência, um assassinato na Estação das Docas revela uma extensa correlação entre tráfico de drogas, prostituição e políticos corruptos. Há, ainda, o assassino de mulheres jovens que age por meio da internet; o *playboy* arrogante; o traficante que comanda os bairros periféricos; o jovem delinquente; e tantos outros personagens reconhecíveis no cotidiano citadino.

A cidade apresentada por Aquino, por sua vez, contrasta com a celeridade da capital. A narrativa é menos intensa, mas igualmente brutal. Trata-se de uma cidade pequena e sem nome localizada no interior do Pará. Não fosse sua localização à beira de um garimpo, poderia figurar qualquer outra cidade interiorana do Estado. Ainda assim, revela personagens típicos de qualquer submundo urbano da contemporaneidade. Ao contrário da Belém de Proença, o local não é protagonista, apenas o pano de fundo para uma história de amor avassaladora, narrada em tons de tragédia por Cauby, personagem principal. Este, fotojornalista de São Paulo, instalou-se na cidade com o intuito de documentar a vida das prostitutas do garimpo, mas acaba se apaixonando pela jovem e bela Lavínia, casada com o pastor local, Ernani.

O enredo não é linear e inicia na varanda da pensão de dona Jane, onde Cauby conversa com seu Altino e um garoto da vizinhança. A narrativa alterna entre passado e presente e está organizada em três partes principais: a primeira – O amor é sexualmente transmissível – é dedicada ao romance entre o fotógrafo e Lavínia. Os dois se conhecem na loja de Chang, onde surge a primeira fagulha da paixão. O relacionamento clandestino é marcado por intensas passagens eróticas, pela personalidade instável e misteriosa de Lavínia e pela completa entrega de Cauby a esse amor, deixando inclusive seu trabalho de lado e ignorando o risco de serem descobertos; a segunda – Carne-viva – tem como foco o relacionamento de Lavínia e Ernani.

Este a conheceu nas ruas de Vitória-ES, como prostituta, drogada e desamparada. A princípio, a via como uma “alma” a ser salva, mas logo se percebe envolvido sentimentalmente e passam a viver juntos. Posteriormente, em virtude de sua função como pastor, mudam-se para o Pará em missão evangelizadora; na terceira – Postais de Sodoma à luz do primeiro fogo –, acontece o desfecho da trama, marcado pelo acirramento do conflito entre garimpeiros e a mineradora local, o linchamento de Cauby, acusado injustamente do assassinato do pastor, o desaparecimento de Lavínia e o subsequente reencontro dos amantes: ela, em um hospital psiquiátrico, sem memória, e ele, desfigurado pela violência que sofrera.

Na paisagem urbana de Aquino, predominam os aspectos empoeirado, seco e decadente, um “fim de mundo” onde convivem pessoas comuns, pobres e taciturnas, prostitutas e pistoleiros, além de aventureiros em busca de ouro.

Mas tudo o que vi foi ordinário: putas de roupas curtas e coloridas e com pintura pesada no rosto misturadas com mulheres e crianças opacas, que garimpavam quinquilharias das lojas de 1,99 do centro. Na praça, velhos e desocupados jogavam dominó e ruminavam o mormaço da tarde (Aquino, 2005, p. 31).

Era uma fauna excelente se você tivesse interessado em fotografar desvios da evolução. Homens e mulheres gastos, até as crianças pareciam envelhecidas. Riam de um jeito acanhado das piadas maliciosas contadas pelo cantor. Gente desacostumada a rir (Aquino, 2005, p. 76).

O convívio humano é marcado pelo conflito. Da constatação de tensão entre garimpeiros e a mineradora resulta um clima hostil, com um ambiente repleto de violências: “Polozzi abriu a porta da viatura pra que eu entrasse. Então é bom trabalhar de depressa, disse. O pessoal tem o costume de morrer por aqui” (Aquino, 2005, p. 31).

Segundo Catia Barbosa (2006, p. 215), a Literatura de Marçal Aquino é inspirada na própria experiência do autor como jornalista, de modo que sua escrita “é contaminada pela reportagem, à medida que, sem se prender a marcas registradas, ele tenta documentar as pessoas num gesto de realismo, quase hiper-realista”. Embora sua obra tenda a ser definida como de caráter urbano, característica sugerida por publicações como *Faroestes* (2001), *O invasor e Cabeça a prêmio* (2003), Luiz Ruffalo (2006 apud Barbosa, 2006) observa que o interesse de Aquino não é nem o urbano nem o rural, mas qualquer lugar marcado pela suspensão da lei e da ordem, um “Brasil brutal”. Seu maior interesse seria, portanto, “um lugar com pessoas em conflitos” (Barbosa, 2006, p. 215).

Em entrevista ao projeto *Conversa com escritor* (2023), disponível no YouTube, Marçal Aquino declara que ao escrever *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, sua intenção era a de contar uma história de amor, depois de ter trabalhado com histórias de extrema violência – *O invasor* e *Cabeça a prêmio*, já citadas. Para tanto, cria um garimpo imaginário

onde a violência é latente, baseado em uma visita do autor a um garimpo real na década de 1980. Interessa notar que, mesmo intencionando contar uma delicada história de amor, Aquino não abre mão do conflito, da denúncia social, ainda que como pano de fundo. Nesse sentido, o autor revela que sua preocupação é primordialmente a vida que o cerca, em detrimento de dilemas psicológico internos. Seu interesse são as pessoas que saem à rua, têm conflitos com os vizinhos, que estão preocupadas, amedrontadas: “ou seja, é o mundo que eu vejo, é assim que eu vejo” (Aquino, 2023), um mundo caótico.

Já neste ponto do diálogo entre Proença e Aquino, atesta-se o esforço dos autores em integrar realidade sociocultural e literatura, característica maior da produção atual, tal como propõe Schøllhammer (2009). Deve-se ressaltar o interesse de ambos em retratar pessoas e seus conflitos, especialmente aquelas oriundas e representativas de espaços marginais, sem se entregarem a uma escrita panfletária. É assim que, embora explorem as mazelas características do universo urbano, eles não as lamentam, apenas as expõem em tom de realismo, explorando personagens e situações que concorrem com a realidade, tal qual uma fotografia que, embora registre uma cena real, não a constitui verdadeiramente.

Dentre as várias correspondências entre os universos urbanos de Aquino e Proença, ressalta-se a abordagem de relações desiguais de poder, demarcando nítidos grupos de privilegiados e de marginalizados. Em *Selva concreta*, tal dissimetria pode ser observada em vários níveis, a começar pela impotência do delegado Gil diante dos interesses de seus superiores. Mesmo sendo um agente da lei, seus esforços são anulados por aqueles que se encontram acima dela.

[...] Olha aí, o senhor me ouve e me diz o que a gente pode fazer. Ou então me escolhamba de novo. Tá bom, mas com isso a gente desmancha a prostituição e as drogas na Estação? E aquela história do PRI estar envolvido? Aquilo é que é foda. Partido da base governista, aliado, os caralhos. [...] Então me arranja provas do envolvimento do partido. Sem isso nada. Não quero perder meu cargo (Proença, 2012, p. 24).

Gil? É o Getúlio. Vem aqui na minha sala. Acabou. Acabou o quê? O caso, porra. Ordens superiores. Mas como assim? Leva tua equipe, pega o trafica e a galera toda. Pega aquela cafetina também. Mas na surdina. Nada de avisar aquele teu amigo, o tal de Urubu. Acabou. Abafou. Ordens superiores. Eu te disse que podia dar merda. E, entre nós dois, lógico, eu é que não vou perder meu emprego, minha carreira, porra, por causa de um político escroto desses (Proença, 2012, p. 25).

Nesse ambiente de desiguais, coexistem figuras como a do *playboy*, esnobe e delinquente, cujas ações não são punidas, e a do jovem periférico, punido, antes de tudo, pela vida, desde cedo aliciado para o mundo do crime, do qual não consegue escapar.

À frente, um jovem já não tão jovem, mas ainda querendo ser. Thiaguinho. O pai é grande fazendeiro na região de Castanhal. [...] Ele pode tudo. O grupo vem passando entre os carros. Inadvertidamente, um dos carros esbarra em Thiaguinho. O pé

deslizou na embreagem. O cara pede desculpas. Thiaguinho não aceita. Insulta. Dá um murro e chute na porta do carro. O cara sai do carro. Thiaguinho o agride. Seu grupo fecha sobre o cara. A mulher dele sai pelo outro lado, gritando, desesperada. Seu marido está caído, encostado no carro, com a cara ensanguentada. O grupo vai saindo. Thiaguinho acena para o guarda de trânsito, seu camarada [...] (Proença, 2021, p. 39-40).

Por favor, dona Adelina. Ajude a polícia. Está bem. Eu não vi. Não sei quem viu, foi de madrugada. O garoto era avião [intermediador na venda drogas] do Uga Uga. Todos os meninos da rua são. O meu Waltinho é. Não quer mais saber de escola, nada. Fiz de tudo, até promessa pra Nossa Senhora do Perpétuo socorro e nada. Cabeça de vento igual ao pai. Sabemos que o Maiko começou a namorar a filha do Uga Uga, largou de ser avião e ainda foi peitar o pai da menina. Isso eu nem sei. Só sei que pintaram a porta da casa do menino [uma cruz preta], tão bom, trabalhador, estava sustentando a casa, largando essa droga do diabo. Deram um tiro. E agora, doutor? Adianta fazer alguma coisa? (Proença, 2012, p. 104)

Thiaguinho e Maiko, embora façam parte do mesmo universo, estão em lados opostos, são o retrato da desigualdade social. Ao segundo não é dada escolha alguma, não há direito à redenção. Mais um entre tantos outros, vítimas da violência sistêmica, necessária à manutenção da ordem, ou do caos, que beneficia a poucos.

Em *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, o desnível de poder é abordado principalmente a partir da tensão entre garimpeiros e a mineradora. De um lado, pessoas movidas pela esperança de fazerem fortuna e mudarem de vida:

Eu disse que a cidade dormia cedo.

E acordava cedo também. Não ia demorar muito para começar o movimento a caminho do rio. Às vezes, ao voltar da zona, eu cruzava com eles. Homens, mulheres e crianças amarfanhados de sono, ainda atordoados pelo sonho em que se viam colhendo um relâmpago do útero da terra: a pedra que modificaria suas vidas (Aquino, 2005, p. 64).

De outro, um grande empreendimento empresarial, contando com eficiente aparato jurídico e político: “Vocês viram essa? O governo vai indenizar a mineradora pelo tempo que ela ficou parada. Dá para acreditar?” (Aquino, 2005, p. 29). No entanto, esse não era o único recurso do qual dispunha. Tentava ganhar o apoio da população com eventos de distração, como um show de música gratuito, usado de palanque para comício político. Além disso, era a patrocinadora do único veículo de informação local e possuía um grupo de assassinos a seu dispor. Frequentemente os garimpeiros organizavam boicotes às instalações da empresa, usando do único recurso de que dispunham, a força bruta e a violência, aos quais a empresa revidava com mais violência. A tensão entre os adversários alcança o ápice quando alguns corpos de garimpeiros são encontrados e se inicia uma revolta na cidade.

[...] num acampamento no meio do mato eram encontrados os corpos de cinco garimpeiros que andavam sumidos. Tinham sido chacinados. Os parentes e amigos trouxeram os cadáveres para a cidade, exibiram em praça pública. O fedor de decomposição empestou tudo e perfumou a revolta geral. Houve ataques contra a mineradora, que reagiu com sua matilha de jagunços, em confrontos que, é óbvio, dada a disparidade de armamento e, digamos, de Know-how dos envolvidos, só

deixaram baixas nas fileiras da comunidade. Isso aumentou ainda mais ódio. Os ataques contra a mineradora começaram e vararam a madrugada. Puseram fogo numa draga. E depois no escritório e nos alojamentos da empresa. [...] O saldo da batalha, depois que o Exército interveio e acalmou os ânimos: oito mortos (treze contando os garimpeiros chacinados), entre os quais um garoto de dez anos, e um número incerto de feridos, sem contar os desaparecidos – muita gente fugiu da cidade (Aquino, 2005, p. 213).

A mineradora foi a responsável pela morte do pastor Ernani, acusado de inflamar os garimpeiros com suas pregações, mas quem recebeu a punição foi Cauby, encurralado em um terreno baldio e apedrejado: “num segundo, fui cercado. Homens e mulheres. Não dava para saber quantos eram, talvez uns vinte. Me olhavam com hostilidade e não diziam nada [...]. A primeira pedra me atingiu no peito” (Aquino, 2012, p. 210).

A violência explícita na narrativa implica na construção de uma imagem de “terra sem lei”, onde, na ausência do Estado, os criminosos se veem sem punição e as pessoas agem por seus próprios meios na busca por justiça. É assim que ocorre o assassinato por vingança, o linchamento de Cauby, os ataques à mineradora. Todos esses acontecimentos poderiam ser atribuídos ao caráter interiorano da cidade, seu afastamento da capital e, portanto, do Governo. No entanto, retornando à narrativa de Proença, observa-se a mesma problemática da violência e da ausência da lei: “Doutor delegado, desculpe, mas eu não sei de nada. Aqui não tem lei, ou melhor, a lei é outra. Polícia, nunca tinha visto por essas bandas. Quando aparece por aqui é só pra pegar um troco e ir embora” (Proença, 2012, p. 102). Trata-se do universo urbano cindido entre “centro” e “periferia”, do qual tem se alimentado o realismo atual, conforme Pellegrini (2011). Por maiores ou menores que sejam as cidades, se metrópole ou interiorana, há situações, conflitos, e personagens universais.

Nesse sentido, relaciona-se, em especial, as personagens femininas Mariella – de Edyr Augusto – e Lavínia – de Marçal Aquino –, ambas oriundas de famílias desestruturadas, vítimas da violência de gênero. A primeira foi vendida pela mãe a um poderoso traficante de drogas da região de Barcarena, Cleofas: “É verdade que tua mãe te vendeu? Foi. E ele compra assim as mulheres? Compra. Vende depois lá pras Guianas. Tráfico de pessoas? Acho que é. Vai pra Holanda, Espanha, sei lá. De mim ele gostou e ficou (Proença, 2012, p. 11). A segunda, negligenciada pela família, foi estuprada pelo padrasto. Fugiu de casa na tentativa de escapar da violência, mas se viu nas ruas de Vitória, sozinha, desamparada, rendendo-se às drogas e à prostituição.

Lavínia não tinha conhecido o pai, odiava falar no assunto. Viveu uma infância de fome, passou a adolescência na rua, foi estuprada. Roubou para comer. Esteve em instituições. Chegou a fazer programas com homens na rua. Parecia um milagre que não tivesse acumulado cicatrizes, que não tivesse levado um tiro antes de ser salva (Aquino, 2005, p. 43).

Destinos parecidos para meninas de origens parecidas. Independente se da região Norte ou Sudeste, ambas são o retrato não só da desigualdade social presente em todo o país, mas também da desigualdade de gênero, marcada pela objetificação de seus corpos, desumanizados, reduzidos a mera mercadoria ou fonte de prazer.

Em meio a realidade caótica e brutal apresentada nas narrativas, deve-se mencionar ainda a figura do repórter ou jornalista sensacionalista que se alimenta dos dramas cotidianos desse ambiente, expondo-os de maneira espetaculosa. Em *Selva concreta*, essa figura é inserida principalmente por meio do personagem Orlando Saraiva, típico repórter de rádio com programa diário, sempre em busca de noticiar os acontecimentos em primeira mão:

Aqui é Orlando saraiva em flash especial, extraordinário, do programa Show do Urubu. Você sabe, aqui na Rádio Clube é cobertura perfeita, banho de audiência. Estamos falando diretamente dos fundos do supermercado Centurião, localizado na travessa Nove de janeiro, bairro do Souza, onde foi encontrado o corpo de uma jovem que, tudo indica, foi assassinada, embrulhada em sacos de trigo e jogada em uma lixeira, atrás do supermercado. [...] e nós, da Clube, como sempre, chegando na frente, vamos perguntar ao delegado... Ainda não há o comentar. [...] quando houver alguma coisa, eu aviso. Orlando saraiva, flash especial do show do Urubu, que volta a qualquer momento em mais um furo de reportagem (Proença, 2012, p.51-52)

Em *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, essa figura é representada por Viktor Laurence, um homem excêntrico, responsável pelo único jornal da cidade, mantido pelos recursos da mineradora: “Publicava apenas as notícias que interessavam aos patrões – até o horóscopo era favorável aos caras. Viktor fazia de tudo no jornal, dos textos à parte gráfica. Sua tribuna era a coluna social que escrevia” (Aquino, 2005, p. 58). Sua casa, em frente à praça central, era um ponto estratégico para observar as pessoas da cidade, as quais olhava com um certo desdém. Era uma pessoa culta, um contraste à população local, semianalfabeta. Havia um tom de sadismo nas suas publicações que exibia os segredos e contradições da vida social. Foi o responsável por expor o caso de Cauby e Lavínia, o que ocorreu após sua morte – suicídio –, deixara tudo planejado. Inflamados pela notícia, seguidores do falecido pastor Ernani depredaram e incendiaram a casa do jornalista, àquela altura, hospitalizado em virtude do espancamento.

Nota-se o poder que a imprensa possui em interferir na vida das pessoas, suscitando sentimentos e ações. O personagem de Proença é menos complexo que Laurence, sendo apenas mais um repórter comum que se aproveita da amizade com o delegado Gil para obter as informações à frente dos concorrentes. No entanto, não se pode deixar de comentar o interesse mercadológico e político que está por trás da vulgarização da violência por meio dos noticiários. Quanto mais impactantes as notícias, maior a audiência, quanto maior a audiência, maior o alcance da informação manipulada. Soma-se a isso o fato de muitos veículos de comunicação

serem custeados por políticos corruptos, criminosos e empresários inescrupulosos. É o caso do programa *Show do Urubu*, patrocinado pela Pará Importados, cujo dono é Cleofas, envolvido com o tráfico humano e de drogas, bem como do semanário mantido por Viktor, ligado à mineradora.

É desse modo que Proença e Aquino constroem uma Amazônia que não é nem a regionalista, nem a fantasiosa ou folclórica, mas uma Amazônia marcada pelo conflito humano resultante principalmente das disputas de interesses políticos e econômicos refletidos em ações corruptas, desigualdade social e uma extensa rede de violências daí decorrente. O título “Selva concreta”, escolhido pelo autor paraense, parece aludir justamente a esse aspecto da complexidade da vida urbana amazônica, a qual contrasta com outros modos de vida na região:

Da janela do meu prédio vejo a imensa selva. Há um rio tão largo que quase não vemos a outra margem. Penso naquelas pessoas que moram lá, em uma vida verde, totalmente verde e que, diariamente atravessam de barco para pisar na selva de concreto. Há uma perplexidade nessa troca entre esses dois povos (Proença, 2023).

Desse modo, observa-se a mudança de perspectiva em relação ao modo como se vê a região amazônica, a consciência de que ela não é uma, mas multifacetada. A já desgastada imagem idílica ou infernal, aos poucos cede espaço para as múltiplas possibilidades de se pensar este espaço, sem desconsiderar ou reduzi-lo a nenhum de seus aspectos. Por mais brutal que possam ser as narrativas analisadas, elas são a tematização de uma realidade palpável, vista diariamente nas páginas dos jornais e, portanto, não pode ser negada. Nesse sentido, os autores, adeptos do realismo reinventado, promovem uma literatura que dialoga com o seu tempo, evidenciando as diversas relações que o fenômeno literário estabelece com o imaginário coletivo ou individual de um dado tempo e lugar, conforme Machado e Pageaux (2001).

Conclusão

Este estudo, por meio da perspectiva comparada, objetivou relacionar as obras *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios* (2005), de Marçal Aquino, e *Selva Concreta* (2012), de Edyr Augusto Proença, a partir da Amazônia enquanto tema literário, a fim de compreender qual perspectiva sobre a região amazônica tem sido abordada na literatura contemporânea.

Verificou-se que, em oposição ao aspecto aquoso e vegetal da região, produções mais recentes da literatura sobre a Amazônia estão abertas a novas possibilidades de se pensar e ficcionalizar este espaço para além da sua dimensão geográfica, tendo como principal foco a complexidade social e cultural. É o que se constata nas obras analisadas, nas quais Proença e

Aquino optam pelo espaço urbano, privilegiando a cidade, as pessoas e seus conflitos cotidianos.

Entende-se que os autores estão vinculados à estética da literatura contemporânea, marcada pelo desejo de integrar literatura e realidade social, em uma espécie de realismo reinventado (Schøllhammer, 2009), preocupado em retratar o atual cenário nacional. Deste modo, o principal ponto de diálogo observado entre Aquino e Proença é a abordagem de diversas situações que evidenciam relações desiguais de poder, as quais resultam nas mazelas sociais, tais como corrupção, miséria, criminalidade e uma série de violências: a impotência do delegado Gil diante dos interesses pessoais de seus superiores; a desigualdade social retratada pelas figuras do *playboy* e do jovem periférico; o conflito entre garimpeiros e mineradora; a mulher vítima de violência de gênero: vendida, estuprada, prostituída; o poder da imprensa ao interferir na vida das pessoas, moldando comportamentos; a vulgarização da violência.

Todos esses aspectos são típicos de qualquer centro urbano da contemporaneidade, demonstrando que o universo citadino amazônico se aproxima de qualquer outro do país ou do mundo, rompendo com a perspectiva de uma Amazônia isolada e fantasiosa.

Referências

AQUINO, Marçal. **Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios**. 1ª ed. São Paulo: companhia das Letras, 2005.

AQUINO, Marçal. Conversa com escritor(a) recebe Marçal Aquino. [Entrevista concedida a] Marcelo Batalha. **YouTube**, 13 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CLRH3RD4LmA>. Acesso em: 3 jun. 2024.

BARBOSA, Catia Valério Ferreira. **Representações da realidade em romances brasileiros contemporâneos: a literatura da angústia**. 2006. 266 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-66630/representacoes-da-realidade-em-romances-brasileiros-contemporaneos-a-literatura-da-angustia>. Acesso em: 3 jun. 2024.

CARVALHAL, Tânia. **Literatura Comparada**. 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 2006.

COUTINHO, Eduardo Faria. Literatura Comparada hoje. In. ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org.). **Estudos comparados: teoria, crítica e metodologia**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014, p. 17-42.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HARDMAN, Francisco Foot. A Amazônia como voragem da história: impasses de uma representação literária. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, núm. 29, 2007, p. 141-152. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127092009>, Acesso em: 17 mar. 2024.

JOLLANT, Nataly. Amazônia: mito, história e ficção literária. **Revista Brasil/Brazil**. Vol. 34, no. 64, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/view/112279>. Acesso em: 16 abr. 2024.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. 2 ed. ver. e ampl. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 24, p. 15–34, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9003>. Acesso em: 3 jun. 2024.

PIRES, Antônio Donizeti. Lugares-comuns da lírica, ontem e hoje. **Linguagem – Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 10-11, 2007.

PROENÇA, Edyr Augusto. **Selva concreta**. São Paulo: Boitempo; Belém, PA: Samauma Editorial, 2012.

PROENÇA, Edyr Augusto. Um escritor da Amazônia. *Revista Latitude*, 2023. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2023/06/07/um-escritor-da-amazonia/>. Acesso em: 3 jun. 2024.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Exposed viscera of an urban Amazon: the contemporary literature of Edyr Augusto Proença and Marçal Aquino

Abstract: The Amazon fictionalization is, historically, a result of the watery and vegetal imaginary established by the narratives of travelers and explorers, widely disseminated in the literature about the region. In this sense, this article, through a comparative perspective, attempts to establish a dialogue between the works “*Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*” (2005) by Marçal Aquino, and “*Selva Concreta*” (2012) by Edyr Augusto Proença, through the construction of the Amazon as a literary theme, to understand which perspective on the Amazon region has been addressed in contemporary literature. To this end, scholars such as Carvalho (2006), Schøllhammer (2009), Hardman (2007), Godim (1994), and Borges (2006), among others, were consulted. This contributes to investigations that aim to discuss the Amazon from a current perspective, observing the maintenance or distancing of the usual exotic or fantastical representation. In opposition to the canonical literature on the region, it was found that the authors construct a complex and conflicting urban Amazon, which brings it closer to any contemporary urban center, marked by social inequality, violence, and corruption. It is understood that this approach is linked to the aesthetics of contemporary literature, which seeks to integrate literature and social reality. There is, therefore, an opening to new possibilities for thinking and fictionalizing this space, especially considering the social and cultural complexity of the region.

Keywords: Amazon; Contemporary literature; Comparative perspective.